



CULTURA CORPORAL E EDUCAÇÃO INFANTIL NA PERSPECTIVA HISTÓRICO-CULTURAL E HISTÓRICO-CRÍTICA

Rafael Oliveira de Antonio ¹

INTRODUÇÃO

Ao longo da história a educação infantil tem sido vista pelo prisma do assistencialismo – substituir os cuidados do lar – se distanciando do seu propósito educativo como primeira etapa da educação básica. Embora as crianças dessa fase tenham necessidade fisiológicas e emotivas, sem as quais não sobreviveriam, essa imagem deturpada culminou em sua subalternidade frente aos demais segmentos educacionais e, conseqüente, perda de identidade própria. Ainda que o educar e o cuidar sejam dimensões indissociáveis da *práxis* pedagógica infantil (BRASIL, 2006), é inaceitável imperar essa postura antiescolar.

A cultura corporal, objeto de estudo da educação física, vive situação análoga quando observamos divergências entre programas curriculares e sua atuação tímida ou praticamente irrelevante na educação infantil. Fato este ilustrado na prática pedagógica, em sua maioria, delegada a professores generalistas – pedagogos regentes, que mesmo afirmando abordarem práticas corporais, quando olhamos de perto as atividades desenvolvidas, se resumem à brincadeira de parque e cirandas – destituídas de qualquer planejamento ou especificidade educacional (EHRENBERG, 2014) . Desse modo, essa abordagem espontaneísta apesar de entreter, divertir e socializar, acaba levando a uma atitude de *laissez-faire* – abandono pedagógico, descaracterizando a área e seu contributo no conhecimento relativo ao corpo e movimento.

No contexto escolar, a educação física superou diferentes concepções históricas: higienista, militarista, pedagogicista, competitivista e popular (GHIRALDELLI JÚNIOR, 1988), para fundamentar seu conhecimento na cultura corporal, que simboliza uma produção humana corpórea transformada em patrimônio cultural, e externada nas diferentes manifestações do jogo, da ginástica, da luta, do esporte e da dança (COLETIVO DE AUTORES, 2012). Esse Coletivo defende a abordagem crítico-superadora, que considera a categoria cultura corporal como objeto de estudo próprio da educação física. Tal teoria tem

¹ Mestrando do Curso de Educação Escolar da Universidade Estadual Paulista - UNESP, ro.antonio@unesp.br.



sua fundamentação filosófica no materialismo histórico-dialético, abrangendo a dialética do corpo e redefinindo exercício físico e movimento – superar a biologicidade da área.

O ensino da cultura corporal, por sua vez, busca ressignificar e ampliar o conceito de motricidade na educação infantil, tendo como arcabouço teórico a perspectiva histórico-crítica e histórico-cultural. Esta pautada na historicidade humana e na cultura como constituidoras do psiquismo, e aquela defendendo a especificidade da escola e do trabalho do professor na transmissão do conhecimento sistematizado – historicamente acumulado. Sendo assim, será possível formar o indivíduo, desde a infância, enquanto sujeito histórico, crítico e consciente da realidade social em que vive, baseado em uma formação omnilateral e realize aquilo que a própria legislação aponta como ideal:

Art. 29. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. (BRASIL, 2017, p. 20).

Para a abordagem crítico-superadora, portanto, a capacidade física ou habilidades motoras se constituem apenas como elementos de ensino, e não seu objetivo último. Já os conhecimentos humano-genéricos produzidos na atividade da cultura corporal se configuram como um corpo de conhecimentos próprios da educação física, ou seja:

O homem se apropria da cultura corporal dispondo sua intencionalidade para o lúdico, o artístico, o agonístico, o estético ou outros, que são representações, idéias, conceitos produzidos pela consciência social e que chamaremos de “significações objetivas”. Em fase delas, ele desenvolve um “sentido pessoal” que exprime sua subjetividade e relaciona as significações objetivas com a realidade da sua própria vida, do seu mundo e das suas motivações (COLETIVO DE AUTORES, 2012, p. 62).

Diante de toda essa problemática, a concepção histórico-cultural e histórico-crítica se torna referência nuclear para mediar o diálogo entre cultura corporal e educação infantil. Para tanto, a escola infantil é palco desse processo, permitindo o acesso ao conhecimento humano mais desenvolvido desde a tenra idade. Ademais, uma organização curricular é desejável, assim como propõe Pasqualini (2018) ao destacar a cultura corporal como uma das grandes áreas integrantes da matriz curricular da educação infantil. Por fim, tomar o currículo com base na psicologia histórico-cultural proporciona identificar os conteúdos e formas de ensino pautadas na atividade-guia de cada etapa da periodização do psiquismo da criança (DUARTE; SAVIANI, 2019).



Com referência aos inúmeros argumentos expostos até o momento, o objetivo desta investigação foi ressignificar e ampliar o conceito de motricidade na educação infantil, por meio da cultura corporal, a partir de uma perspectiva histórico-crítica e histórico-cultural.

MATERIAIS E MÉTODOS

O presente estudo foi fundamentado no método materialista histórico-dialético. Já a metodologia desenvolvida se baseou em uma pesquisa teórica, de natureza exploratória e abordagem qualitativa. Partimos da seleção do acervo literário a ser apreciado como campo material de análise, delimitamos a pesquisa de forma objetiva nas ideias das obras consultadas, comparamos e confrontamos os autores em foco. Para finalmente chegarmos a uma síntese sobre a investigação conduzida.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na literatura pesquisada, observamos um entendimento equivocado de prática corporal – reducionista e biologizante, o que corrobora para associar a educação física escolar com seu histórico de aulas reproduzindo um modelo esportivista (DAOLIO, 1999) ou mera recreação, entendendo essa disciplina até mesmo como inadequada para a educação infantil. Assim, a cultura corporal se mostra como desconhecida para esse segmento de ensino, no qual prevalece apenas a ideia de motricidade – desenvolvimento motor – atividades recreativas ou brincadeiras de parque.

Já o embate acerca de qual profissional seria o mais adequado para trabalhar a cultura corporal na educação infantil, embora não tenha sido o propósito deste estudo, é um assunto recorrente na área. Freire (2006) expõe duas vertentes: de uma lado, há os que defendem a inclusão de um professor especialista para ministrar as aulas, do outro lado, temos os que advogam pela estrutura atual, alegando ser melhor para a criança o contato apenas com o professor generalista – menor risco de fragmentação do conhecimento. Como se fosse possível preservar a criança do contato com saberes além dos muros da escola, seja no seio familiar, nos meios de comunicação, ou simplesmente propagados pela *web* e amigos.

Na esteira desse pensamento, independentemente de quem transmita o conteúdo da cultura corporal, desde que tenha domínio desse conhecimento, o mais importante é não privar a criança de todo esse patrimônio histórico sobre o corpo e movimento, visando uma formação plena.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando propomos, a partir do referencial histórico-cultural e histórico-crítico, a incorporação da cultura corporal no currículo da educação infantil, estamos indicando algo além do desenvolvimento motor e da recreação. O conhecimento histórico englobado pela cultura corporal é muito rico para deixar de fazer parte da escola infantil. Conhecer a gênese, evoluções e ressignificações dessas representações do corpo e movimento, desde o ingresso no ensino básico, é construir um legado fomentado na adolescência e vida adulta.

Também é relevante dizer sobre a necessidade de novas pesquisas sobre cultura corporal e educação infantil, complementando e reestruturando vários assuntos que trouxemos à baila com este estudo.

Palavras-chave: Cultura Corporal, Educação Infantil, Pedagogia histórico-cultural, Pedagogia histórico-crítica.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério de Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Básica. **Política Nacional de Educação Infantil:** pelo direito das crianças de zero a seis anos à educação. Brasília, DF: 2006.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **LDB:** Lei de diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017. Disponível em: <http://www2.senado.gov.br/bdsf/item/id/529732>. Acesso em: 10 ago. 2020.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de educação física.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

DAOLIO, J. **A cultura do corpo.** 4. ed. Campinas: Papirus, 1999.

DUARTE, N.; SAVIANI, D. Entrevista com o professor Dermeval Saviani "Pedagogia Histórico-Crítica na atualidade". **Colloquium Humanarum**, v. 16, n. 2, p. 4-12, jul. 2019.



EHRENBERG, M. C. A linguagem da cultura corporal sob o olhar de professores da educação infantil. **Pro-Posições**, Campinas, v. 25, n. 1, p. 181-198, jan./abr. 2014.

FREIRE, J. B. **Educação de corpo inteiro**: teoria e prática da educação física. 4. ed. São Paulo: Scipione, 2006.

GHIRALDELLI JÚNIOR, P. **Educação Física progressista**: a pedagogia crítico-social dos conteúdos e a Educação Física brasileira. São Paulo: Loyola, 1988.

PASQUALINI, J. C. Proposta curricular para a educação infantil: a experiência de Bauru-SP. **Revista Espaço do Currículo**, João Pessoa, v. 11, n. 2, p. 154-167, mai./ago. 2018.